ANU 4.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 8 DE AGOSTO DE 1924 N.º 1024

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º
Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: C. 3:195
Redacção: C. 3:194
Endereço telegrafico: DIBOA

PEDEM-NOS a publicação do seguinte, que recomendamos á atenção do sr. ministro das Finanças e da Inspecção de Cambios:

«Conforme as disposições legais ultimamente publicadas, não se póde sair do País com quantia superior a 10 libras ou o seu equivalente e 200 escudos.

Ora, acontece que nas fronteiras terrestres, em virtude das referidas disposições legais, a Alfandega exige aos viajantes, quer nacionais, quer estrangeiros, a declaração respectiva e ainda, apresentado o passaporte onde vai aposto o carimbo da Inspecção de Cambios, não sabem as respectivas delegações como proceder, tendo-se dado casos de apreensão ou retenção de quantias superiores á importancia autorizada.

Casos ha ainda de estrangeiros em transito que, desembarcados de vapores que tocam nos nossos portos, seguem nos primeiros comboios para os seus respectivos destinos e que trazem dos países donde procedem importancias superiores ás indicadas na lei portuguesa e que representam valores em transito, sem entrada nem saída no país, e ainda outros casos em que se não pode avaliar das autorizações concedidas a nacionais ou estrangeiros, cujo montante não consta de documento algum em poder dos interessados.

Ora, seria conveniente, para se acabar com tal estado de coisas, que a Inspecção de Cambios desse as suas instruções nesse sentido, parecendo-nos justo:

1.º — Que se oficiasse ás Companhias de Caminhos de Ferro, Agencias da Companhia de Wagons Lits, consulados, etc., indicando-lhes o conteúdo da lei, para que no acto do *visu* dos passaportes, se fizesse conhecer aos interessados as respectivas disposições, evitando-se assim o seu desconhecimento na saída de Portugal;

2.º — Que se notificasse ás Alfandegas, em documento a dar ao beneficiario, de qual o montante autorizado e suas condições, documento que o interessado apresentaria na sua saída do País;

3.º — Que se estudasse uma disposição pela qual as respectivas delegações alfandegarias, nas fronteiras, fossem autorizadas a receber, em deposito, por conta do Banco de Portugal ou por conta do ministerio das Finanças, as importancias superiores á indicada na lei, as quais poderiam ser, por sua vez, remetidas ao proprietario, em cheque, ou autorizado o mesmo proprietario a sacar ou encarregar alguem da sua cobrança, não saindo, pois, do País a respectiva moeda.

Nos países estrangeiros, especialmente em França, onde havia autorizações desta natureza, fazia-se o respectivo deposito da importancia superior á da autorização legal, fazendo o beneficiario a sua cobrança atravez de um estabelecimento bancario do país, mas não se dando o caso de apreensão e evitando-se dificuldades e más vontades em casos desta natureza.»

* * *

A QUESTAO dos tabacos continua. Ela já vai sendo historica em Portugal. Segue o nosso destino. A vida da Monarquia esteve ligada a ela. A Republica teima em ligar-se-lhe. Parece que emquanto houver quem fume ha-de haver quem a discuta. Está assim condenada a viver comnosco, como o proprio ar que se respira. Por vezes, mais escandalo menos escandalo, parece resolvida. Mas logo se reacende, como depois de um cigarro outro cigarro. Antigamente dizia-se: eu sou do tempo da Patuleia, eu sou do tempo da Maria da Fonte, eu sou do tempo do Convenio. Agora dizer uma pessoa antiga que é do «tempo dos tabacos» é dizer que é de todos os tempos. Os tabacos, que ajudaram a liquidar um regime, passaram ao outro como uma molestia. E já não ha, emquanto os homens tiverem vicios, cura possivel.

* * *

INFORMAÇÕES que possuimos, e julgamos verdadeiras, dizem que o Parlamento está na disposição de se ocupar a valer do projecto que interessa aos mutilados da guerra.

A' pressa

A maneira como está funcionando o Parlamento convence-nos de que é necessario remodelar os seus processos de trabalho, alterando-se o regulamento, a fim de que os seus labores sejam de maior rendimento para o país.

Não se concebe sequer que, depois de dez meses de sessões, se chegasse ao presente resultado: os orçamentos não foram discutidos e o actual governo, para poder viver uma palida vida constitucional, vê-se obrigado a recorrer a um pedido de aprovação de duodecimos.

Sobre materia tributaria, tem-se legislado ás cegas, sem os elementos necessarios de informação e de estudo, encarando-se o contribuinte como uma especie de alvo para atiradores novatos.

A questão do inquilinato, que é materia de extrema gravidade, excedendo até o limites do direito privado, e que devia ser tratada a tempo e horas com a ponderação e a calma proprias duma assembleia de legisladores, encontra-se agora exposta ás birras surdas e ás más vontades disfarçadas de quem vê nela um só aspecto—o interesse do senhorio ou do inquilino—e não um meio razoavel de pôr termo a um estado de coisas em que se originam dissidios e perturbações.

Continuará o funcionalismo na mesma desgraçada situação, entregue ás más sugestões da fome, esquecido do Parlamento que tem por obrigação ajudar o governo em casos tão intrincados?

E' costume em Portugal converter em questões pessoais ou em questões que interessam a determinadas pessoas os assuntos legislativos e governativos, pondo-se de parte o criterio patriotico de os apreciar conforme as aspirações do país.

Este vicioso sestro, aliado á estupenda furia de dar redeas ao palavreado, á caudalosa retorica, faz que os dias, as semanas e os meses vão passando, sem que se faça ou construa nada de util.

Nós não desejamos lançar sobre o Parlamento culpas que lhe não cabem, mas não podemos ilibá-lo das responsabilidades que lhe competem e que derivam, sobretudo, dos seus metodos de trabalho.

Por isso reclamamos que estes se emendem, para que os mesmos vicios se não eternisem.

NA CANICULA...

— E foi para isto que o senhor me pediu, com tanta pressa, um balde de agua fria...

EM tempos—quão longe isto vai!—iniciou-se uma sindicancia ao administrador geral da Casa da Moeda—sindicancia que devia abranger não só o caso dos discos, tão falado e celebrado, mas todos os seus actos de funcionario.

O sindicante, o sr. dr. Pinto Garção, fez o que pôde para lhe dar andamento. Como não lhe pagavam, e talvez ainda por outros motivos, desistiu da comissão, poupando-se a desgostos e trabalhos.

Para o substituir foi escolhido o sr. dr. Alfeu da Cruz, que decidiu ser rapido, ocupando-se do caso dos discos primeiramente e depois... do resto.

Nós não podemos deixar de louvar um tão honesto proposito, mas começamos a recear que a pressa prejudique um tanto os direitos da verdade.

Diz-se já que o sindicado se prepara para retomar o seu posto, dentro de breves dias.

Será possivel?

Então uma sindicancia que abrange um todo irreparavel vai fracionar-se em duas partes distintas?

Com que misterioso fim que nós não atingimos?

O sr. dr. Alfeu da Cruz ainda não ha muitos dias nos disse que, para ser metodico, fazia esta divisão, mas que o sindicado seria julgado no apuramento geral dos seus actos. Mudou de parecer? Confiamos tanto no seu caracter que não admitimos que faça tal coisa, por maior que seja a sua necessidade de ser rapido.

* * *

O PARLAMENTO aprovou uma amnistia para o caso da Amadora. Foram por isso postos em liberdade todos os oficiais aviadores — que, apesar disso, vieram, depois de amnistiados, a ser castigados.

Pois agora surge um castigo de 15 dias de prisão correcional, aplicado ao sr. tenente Adriano Figueiredo Dores que já deu entrada em São Julião da Barra.

Este castigo, absolutamente injusto, demonstra uma enorme má vontade, contra o sr. tenente Dores, má vontade perfeitamente provada pela redacção do castigo, em que sem indicação de data nem de local, se fazem afirmações provadamente falsas.

O referido oficial que, não só em França mas no Norte, deu as maiores provas de bravura e de valor militar, vai reclamar contra o castigo.

* * *

PASSOU hoje mais um aniversario da morte de Trindade Coelho, o autor do *Manual Politico do Cidadão Português*. Trindade Coelho foi dos maiores, mais pujantes, mais leais e mais limpidas figuras da sua geração. O seu nome é dos que ganham com a derrota do tempo. O seu perfil moral, tão belo e tão grande, destaca-se hoje como o de uma figura lendaria, na alma saudosa, reverente de todos os que o conheceram.

* * *

VIERAM hoje, á nossa redacção, os srs. Antonio da Fonseca Dias e Alberto Resende da Costa, directores do Monte-pio Nacional que nos pediram para explicar aos leitores do *Diario de Lisboa*, em todos os seus termos, a questão do desfalque de que ontem nos ocupámos.

Amanhã dirão da sua justiça—como é norma deste jornal.

As termas

Estancias de verão

CURÍA, 21. — Vai correndo animadissima a epoca termal nesta formosa estancia, tão cheia de atractivos e belezas naturais. Os hoteis regorgitam de aquistas que, nas horas calmosas, procuram as impenetraveis sombras dos salgueiros que orlam o grandioso lago, onde os barcos bordejam a toda a hora, livres dos ardores do sol, como se vogassem num rio imenso com as aguas sempre limpidas e calmas. A's horas da cura, de manhã e de tarde, a elegante buvete, servida por duas esbeltas raparigas, enche-se de damas e cavalheiros, meninas e rapazes que se dão por conhecidos e confraternisam naquele ambiente salutar, palestrando, planeando passeios e «pic-nics», discutindo os incidentes da vida termal e tirando dela todo o partido durante o tempo rapido da vilegiatura. O parque, com os seus canteiros bem vestidos de flores e os seus arbustos em plena exuberancia de vegetação, é um encanto.

Os «rendez-vous» chics, os «flirts», encontram se por toda a parte. Ao sair da buvete para entrar no balneario, que está um primor de aceio e conforto, a vistosa arcaria due lhe dá acesso é um ponto obrigado de reunião e um aprasivel local para paseio e para descanço. Por ali passa toda a população aquista.

Nada falta na Curia para passar os dias e noites agradavelmente. Esta tarde o «Chá Tango», dado nos salões do Grande Casino resultou brilhante, não só pela concorrencia, como pela animação. A' noite, na magestosa sala do Palace Hotel organisou o seu proprietario, o sr. Alexandre d'Almeida, um jantar á americana, que teve farta concorrencia, sobre tudo da fina élite da colonia termal. Foi uma festa deslumbrante, que fez sucesso. Anunciaram se premios para a mesa mais bem ornamentada, para o par que melhor dançasse e para a mais bela «toilette». Um jury composto pelas sr.as Condessa de Ficalho, Viscondessa de Porto Formoso, madame Honorio de Lima, madame Presseler e madame Constantino d'Almeida, destribuíu o 1.º premio para a mesa do sr. Manuel Pinto d'Azevedo e o 2.º para a mesa do sr. Olympio de Melo. O 1.º premio da dança coube a m.elle Manuela de Carvalho, o 2.º a madame Ophelia Godinho; e o 3.º a m.elle Pinto d'Azevedo. A «toilete» a que coube o 1.º foi a da sr.ª Viscondessa de Vilalva, o 2.º á de madame Rocha e Melo, e o 3.º á de m.elle Pinto d'Azevedo. O aspecto da sala era deslumbrante, ofuscante, pelo reverbero das luzes, pelo matiz das «toilettes» e pela profusão das flores que ornamentavam as mesas. Dançou se quasi incessantemente e com o «entrain» provocado por duas orchestras com «Jazz Band».

O proprietario do hotel, o sr. Alexandre d'Almeida, no intuito de beneficiar a pobresa da região, mandou leiloar entre a assistencia um aeroplano «Patria» de núgát, obra prima do seu eximio cosinheiro e que foi arrematado pelo ilustre açoriano sr. dr. José Jacinto de Albuquerque, tendo rendido escudos 1.009$50, quantia que o sr. Almeida vai entregar aos pobresinhos.

O jantar terminou cerca das 2 horas da madrugada.

Entre a numerosa assistencia lembra-nos ter visto as seguintes damas e cavalheiros: condessa de Ficalho, viscondessa de Porto Formoso, viscondes de Vilalva, viscondes de Atouguia, ministro de Cuba, Pedro Franco e familia, Mario Duarte, dr. Manuel Luís Ferreira Tavares e esposa, dr. José Jacinto de Albuquerque, dr. Manuel Joaquim Pires e familia, dr. Alberto Menano, dr. Costa e Almeida, Francisco Albano Ferreira Tavares, José Melo Figueiredo e esposa, M. Pinto de Azevedo e familia, Honorio de Lima e esposa, Constantino de Almeida e esposa, Eduardo Pimenta dos Santos, Carlos Smith, Artur Macieira, Olimpio de Melo e familia, Joaquim Antunes, Rocha e Melo e esposa, João Mendonça, Roger Godinho, J. A. Nascimento.

A. C.

Casino de Cintra

HOJE — Sexta-feira

Dia da moda

Inauguração dos TEA-DANCINGS ás 5 horas da tarde

A's 9 1/2 da noite — Unico espectaculo da moda da celebre TONADILLERA

TINA DE JARQUE

PROGRAMA ESPECIAL

Arte — Elegancia — Beleza

A SEGUIR

1.º concerto classico pelo sexteto dirigido pelo insigne maestro F. Benetó

Domingo — Unica «matinée» em que toma parte TINA DE JARQUE

QUESTÕES DE ARTE

Debussy

foi o primeiro

que conseguiu fixar musicalmente

todo o irreal que freme numa paisagem

...A terra banhada de luz ri de gozo pelo instante radioso que vive. Arfa brandamente, numa beatitude pagã. Os verdes que a revestem, tão desencontrados, harmonisam-nos a chuva de sol, e mais ainda a atmosfera forte, cujo azul se desfaz no folhame em reflexos macios. As horas perdem o sentido, o tempo é palavra vã; e nem um tanger de sinos, ao longe, faz esvair-se a sensação de eternidade...

...A terra já não ri. Despede-se dela o estio; despede-se o sol. A hora solene, magnifica, magôa, no entanto, como tudo que nos deslumbra e sabemos que por breves instantes.

Manchas de ferrugem luminosa que se prendiam sofregamente nalguma rama de palmeira, de repente esmorecem. A luz vai-se refugiando toda no poente, onde fica por largo tempo, como que observando a crescença da escuridade...

Agora a noite, quasi silenciosa, serena, doce e branda, mas serenidade que oprime, doçura que eflige, brandura que assusta. Sombras irreais vão surgindo, e enlaçadas ás sombras reais que se recortam no luar, dançam dolentemente, impelidas pela brisa, na meia claridade incolor.

Nem são estes apenas todos os aspectos de uma paisagem. A's vezes, é a aragem já enfastiada do feitiço em que tem levado a ramaria docil, que no ruim desejo de lhe mostrar o poderio se torna ventania de tormenta, e tudo avassala, tudo convulsiona na sua paixão devastadora; ou são então as horas de bruma, lacrimejando a sua tristeza contagiosa, morbida, persistente e sem resignação; ou ainda nuvens aos farrapos que se perseguem, fazendo correr alternativas de sombra e luz no solo se é dia, tomando as proporções de uma gigantesca pantomima celeste nas noites luarentas, incendiadas no ocidente á hora pre-crepuscular; e são os momentos de sã alegria quando depois de um chuveiro rude as folhas ficam se esmeraldinas e com scintilações aos milhares; e as horas suaves de aguarela limpida em que o azul esverdeia e transluz; e as horas matutinas tecidas de amarelo fundido, estonteantes de radiação solar; até ás desoladas horas de invernia, que vêem o arvoredo desnudado e enegrecido a implorar do ceu enlutado o consolo de uma aberta sem lhe poderem mitigar a angustia...

Assim uma paisagem, uma só, se reveste de modalidades ao infinito, como infinita é toda a Criação; junção da natureza com a luz e o movimento, ela forma harmonias perfeitas, vibrantes da vida indecifravel mas forte dos elementos. Não pode, pois, deixar de ter alma; o que pode dar-se apenas é que lha não vejam, ou sintam. E do mesmo modo quando apareceu um Debussy que teve o genio de a evocar por meio dos sons, conseguiu ele decerto mais alguma coisa do que a definição de Vincent d'Indy, ou seja «um belo exterior, porém inabitado».

Ha quem afirme uma filiação direita entre os clavecinistas franceses e Debussy. Entre outras razões porque aqueles cultivaram com agrado e exito a musica imitativa. As suas imitações, na verdade, pouco mais reproduzem do que ruidos, ou tambem a linguagem de certos animalejos. O parentesco que existe de facto, é sómente no espirito. Muito longe dos clavecinistas, baixo todos os pontos de vista, Beethoven, Wagner, Saint-Saëns, e outros se serviram de imitação; no entanto a trovoada da «Sinfonia Pastoral», o chilrear da passarada nos «Murmurios da floresta», o giro do «Rouet d'Omphale», e tantas mais, não passam de simples acessorios. Em Debussy não se trata de reprodução de ruidos, e muito menos ainda de imitações acessorias; trata-se de verdadeiras impressões auditivas, semelhantes pela sensação que produzem ás impressões visuais. Só Lizst foi quem deixara antever nalgumas paginas suas, como nos «Jeux d'eaux de la Villa d'Este», por exemplo, essa nova feição a que os sons se poderiam prestar; mas quem primeiro conseguiu fixar musicalmente todo o irreal que freme nnma paisagem foi Claude Debussy.

Se nem toda a sua produção é de colorido paisagista, em todo o caso grande parte. Por vezes, a lenda vem sobrepor-se á paisagem; agita-se no quadro qualquer reminiscencia galante como na «Isle joyeuse», ou uma evocação mistica, como no admiravel preludio «La cathédrale engloutie», ou alguma personagem mitológica, como na peça para orquestra «Prélude à l'après midi d'un Faune». Porém nessas peças, e até nas suas melodias para a voz e em muitas paginas do seu drama lirico «Pelleas et Melisande», a preponderancia fica da paisagem pelo estranho poder com que é evocada.

E porque Debussy apareceu com um genero tão novo e para o qual necêssitava de empregar meios muito novos tambem, não é facil interpretá-lo como o deve ser sem uma séria iniciação. Alem de compreensão, é preciso ainda uma técnica especial que até hoje os interpretes do nosso meio não desenvolveram suficientemente, por muito diferente da tecnica que requerem os classicos alemães e os romanticos. Ora tocar Debussy não lhe alcançando o sentido, ou mesmo que se lho alcance, muito preso ás exquisitices aparentes que resultam da aglomeração de notas, deixa-o tão disforme como Beethoven sairia disforme baixo os dedos de um executante especializado em danças modernas. As audições de Marius Gaillard, no ano passado, foram uma revelação para o publico — infelizmente restrito — que as seguiu. Em vez de um Debussy como era costume ver-se, feito de uma junção sem nexo de remendos berradios e desencontrados na côr que o assemelhava a um boneco sem alma, vestido de arlequim, ao passo que as asperezas harmonicas que a inexperiencia dos executantes costuma tornar insuportaveis se transformavam em sonoridades leves e scintilantes, viu-se toda aquela confusão fundir-se em harmoniozas tintas, què por sua vez formavam um conjunto de uma rara coesão e subtil sentimento.

Debussy está perto de nós em demasiado para que possamos ter uma noção exacta do valor do seu genio comparativamente com os genios de que formamos o nosso rosario de artistas-musicos. E' certo que ao contemplarmos uma paisagem a nossa alma parece fluidificar-se, deixa-se absorver pelo ambiente que a embala e por fim acaba de abstrai-la de quaisquer paixões humanas ou divinas; é então natural que Debressy, mesmo completamente compreendido, não dê nunca a ninguem a sensação de nobreza, de tortura, de dôr, ou jubilo, ou enternecimento que dão um Palestrina, um Bach, um Beethoven, um Wagner, um Franck. E isto torna ainda mais dificil a escolha do degrau em que devemos erguer a sua memoria. As gerações futuras resolvam este problema, aliás de secundaria importancia, pois que depois de tão minuciosamente discutido e classificado um artista não ganha nem perde um átomo do seu valor. Nós, contentemonos em pedir ao preludio «Ce qu'a vu le vent d'Ouest» que leve no seu torvelinho o torvelinho dos nossos pensares, e que depois a nossa testa, ainda em febre, a acalme a serenidade de «Et la lune descend sur le temple qui fut...»

Francine Benoit

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo.

Pianos Alemães

das mais afamadas marcas. Grande sortido musical. A. Morais, Lda. Rua das Portas de Santo Antão, 128.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa do Ameal, D. Tereza de Saldanha da Gama (Ponte), D. Maria das Dores de Melo e Castro de Trigoso, D. Maria de Almeida e Napoles de Carvalho e D. Maria da Gloria Herta e Costa.

E os srs.:

Marquez de Jacome Correia, D. Alvaro de Saldanha e Castro (Penamacôr), conselheiro Francisco Patricio, Rui Ferreira da Silva Brito (Ermida), José Manuel Vieira Peixoto de Vilas-Boas (Guilhomil), Carlos de Mezer, José Cirne de Sousa Madureira, William Reynolds, José de Vasconcelos e Sá Guerreiro Nuno e Fernando Neves.

Nascimentos

A sr.ª D. Berta de Oliveira Correia Ribeiro, esposa do ilustre clinico sr. dr. Correia Ribeiro, teve ha dias o seu bom sucesso.

Mãe e filho estão de perfeita saude.

Baptisado

Ha dias realizou-se na paroquial igreja da Encarnação o baptismo de um filhinho da senhora D. Etelvina Coelho da Penha e Costa e do sr. José Maria da Penha e Costa, o qual recebeu o nome de João Fernando, tendo servido de madrinha da gentil criança a senhora D. Alice Branha Borges e de padrinho o sr. João Antunes de Moura Borges.

Findo o acto religioso foi servido na elegante residencia dos pais do recem-baptisado um fino «lunch».

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará ámanhã «rendez-vous» de tarde na «matinée» do Salão Foz, onde de dia para dia maior exito estão obtendo os belos numeros de variedades que compõe o programa, e á noite no cinema Condes, «soirée» da moda.

Em viagem

Para a sua casa em Paço d'Arcos, partiu com sua mãe a sr.ª D. Maria Ana de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, sua gentil irmã D. Maria Tereza, o sr. conde de Arrochela.

—Da sua casa do Porto, partiram para França os srs. viscondes da Pesqueira.

—Com sua esposa, partiu para o estrangeiro o sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto.

—Encontra-se em Santa Luzia, Viana do Castelo, com sua esposa a sr.ª D. Judith Judice Fialho de Mendonça, o sr. Jorge de Mendonça.

—Partiu para a sua casa em Matosinhos, com sua esposa e filhos, o sr. dr. Anibal Roque de Pinho (Alto Mearim).

—De Coimbra partiu para o Gerez o sr. Visconde do Banho (José).

—Na proxima segunda-feira parte para Lourdes, donde seguirá para Biarritz, com sua esposa a sr.ª D. Maria das Dores Cysneiros Machado da Cruz (Queluz) e sua gentil filha D. Lucilia, o sr. comendador Antonio Machado da Cruz (Queluz).

—Da sua casa do Algarve, partiu para Rayat, França, acompanhado de sua esposa, o sr. João Judice Fialho.

—Está no Gerez com sua esposa a sr.ª D. Cristina Kino, o sr. José Kino.

—Para o seu solar de Vila Nova, na Foz do Douro, partiu da sua casa do Porto, com sua familia, o sr. Adriano de Lencastre e Menezes.

—Encontra-se já em Cascais, com sua esposa a sr.ª D. Rita de Sommer Pereira e sua gentil filha D. Maria, o sr. João Viveiros Pereira.

—Para Vila da Feira, partiu de Coimbra o sr. conde de Fijó.

—Regressou á sua casa no Fundão o sr. visconde do Sardoal, que em Lisboa esteve hospede do seu primo o sr. conde de Vinhó e Almedina.

—Partiu para Vidago, com sua esposa a sr.ª D. Maria da Piedade da Costa Ramalho e sua gentil filha D. Maria Graziela, o sr. Gaspar da Costa Ramalho.

—Encontra já de regresso de Lisboa, onde esteve hospede do seu primo o sr. conde de Vinhó e Almedina, na sua casa do Alcaide, o sr. visconde do Alcaide.

—Do Fundão partiu para as Caldas das Felgueiras a sr.ª D. Izabel Trigueiros Osorio Aragão.

—Está em Lisboa o sr. D. Manuel da Cunha e Lorena (S. Vicente).

—De Santa Luzia, em Viana do Castelo, regressou á sua casa no Porto o sr. Antonio de Magalhães (Gandara).

—Do Porto, partiu para as Pedras Salgadas o sr. Anibal de Morais.

—Com sua esposa a sr.ª D. Izabel Ortigão Ramos Jorge, parte brevemente para o Palace Hotel da Curia o sr. dr. Ricardo Jorge (filho).

—Encontra-se actualmente em Menthon-Saint-Bernard o sr. Frederico Azulay.

—De regresso de Melgaço, partiram para a Ericeira as sr.as D. Maria do Livramento e D. Alzira Amelia da Mota, irmãs do nosso colega do «Diario de Noticias» sr. Abel Moutinho.

—Partiu para Madrid o sr. Francisco Borges.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos = Não ha espectaculo.
Nacional = A's 21,30 — «A Severa».
S. Luis = Não ha espectaculo.
Trindade = Não ha espectaculo.
Politeama = Não ha espectaculo.
Avenida = Não ha espectaculo.
Maria Vitoria — A's 20,45 e 22,45 — «Réz-Véz».
Apolo = A's 21,30 — «O Capital».
Eden = A's 21,45 — «Vida Airada».
Gil Vicente = A's 21,15 — «Os dois sargentos».
Coliseu dos Recreios = Não ha espectaculo.
Circo da Feira = (Parque Eduardo VII) — A's 21,45 e 23 — Companhia Cardinalli.
Salão Foz = A's 21 — Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Olimpia = Rua dos Condes = «Matinée» e «soirée»
Cinema Condes = Avenida da Liberdade.
Salão Central = Praça do Restauradores.
Chiado-Terrasse = Rua Antonio Maria Cardoso.
Salão Ideal = Rua do Loreto.
Cine-Paris = Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora = Largo do Calvario.
Eden Cinema = Rua do Alvito.
Salão-Rocio = Rua do Arco do Bandeira.

INFECÇÕES INTESTINAIS

Enterites — Diarréas — Prisão de ventre

YOGURTINA

FERMENTOS LACTICOS

INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA

A NOVA GERAÇÃO

A proposito da peça "Mar alto,, de Antonio Ferro

fala-se da moderna literatura portugueza

Falar de periodos de transição parece um lugar comum áqueles que crêem na permanencia dos valores e na igualdade de época para época. Mas para os que não sofrem do terrivel mal de piedade historica e social assim como reconhecem numas épocas a gloria e noutras vêem a mesquinhez, assim presentem o caracter da eternidade de certos periodos e reconhecem a inconsistencia de outros. Estes homens que aceitam as relatividades e as diferenciações da historia crêem profundamente nos periodos de transição. Eu sou um deles. Creio nos periodos de transição porque creio nos periodos de esplendor em que num momento curto se cria uma formula eterna para a vida dos homens. Nós vivemos, ha dezenas de seculos, de um seculo apenas da Grecia, de um desses momentos de explendor que iluminam a terra.

Por acreditar nos grandes momentos de criação, é que admito outros em que todo o trabalho é de transitar de uma formula definitiva para outra formula definitiva. Porque não ha nunca a passagem magica de um explendor a outro explendor. E' preciso que a decadencia dissolva o que a pouco e pouco foi enquistando em tradicionalismo excessivo, em academismo regrado; é necessaria a anarquia e até a dissolução para o aparecimento dos novos valores criadores.

Querer contrariar esta fatalidade humana mantendo um padrão eterno como verdadeiro, criando um classicismo, é uma resistencia inutil á força das coisas. E' por isso que eu sou contra o classicismo e contra todos os neo-classicismos que têm anulado as épocas de transição em plena efervescencia para as fazer regressar á disciplina antiga. E' preciso criar uma disciplina, depois da anarquia e do renovamento, mas uma disciplina nova, isto é, a fixação em formulas eternas tambem, da nova criação. Criar uma nova civilisação e nunca voltar á «eterna civilisação» que é uma fraze ôca de sentido.

Isto não quer de modo nenhum dizer que nos afastemos da tradição no seu principio activo de ligação com o sangue, com o ambiente e com as civilisações passadas. O que é preciso é exercer sobre a tradição uma criação constante que a vitalise.

No periodo que hoje vivemos em Portugal, depois do periodo dos grandes iniciadores—Antero, Junqueiro, Oliveira Martins e Eça—e depois de periodos um pouco semelhantes ao nosso, mas que liquidaram em néo-classicismo sem força para completar a criação, é preciso defender com audacia as qualidades da transição que se está operando.

Se o modernismo em França liquidou em humorismo e em analise psicologica, auxiliando o movimento de néo-classicismo e de anti-romantismo; se o modernismo em Italia liquidou em prolongamento do romantismo e em bela retorica; o mesmo não poderá suceder em Portugal. No periodo de anarquia e dissolução, mas tambem, de criação intensa, que vive Portugal, o modernismo têm um grande valor de acção.

Para criarmos grande e novo temos de vencer a nossa velha disciplina, temos que importar tudo o que lá fóra se faz e abandoná-lo, com o mesmo entusiasmo. O Decadentismo foi um movimento importado em Portugal e isso deu azo a que Antonio Nobre escrevesse o livro mais português de todos os livros portugueses. Renovar é o programa, criar novo e proprio a finalidade.

Para isso é fatal que se importem todos os modernismos para nos ajudarem á dissolução criadora, para auxiliar a transição.

No periodo português de hoje, por um lado, tem que se fazer uma criação violenta sobre a tradição, por outro lado sobre todos os modernismos. Só deste duplo trabalho poderá resultar uma Civilisação Portuguesa.

Lembro-me ainda que a proposito dos meus livros «Rainha Santa» e «A Horda» as opiniões dos incompreensivos se dividiram, uns chamando-lhes futuristas, outros classicos. Nem uma coisa nem outra e as duas eram o que eles eram.

Tudo isto vem agora para melhor explicar o entusiasmo com que vejo a acção modernista de Antonio Ferro, a obra modernista de Antonio Ferro.

Toda a acção de modernismo e a sua marcha para uma disciplina nova, portuguesa, e não classica, se póde desde já estudar em Antonio Ferro. Ele viveu o momento de mais violencia na introdução do modernismo e ao mesmo tempo tem tido força para se libertar das influencias, isto é, para criar um modernismo português, fortalecido, equilibrado em novas formas abandonando o periodo de decadencias e dissolução de valores para construir.

A analise do seu melhor representante dirá o que é o modernismo português.

* * *

Antonio Ferro é exclusivamente e explendorosamente—o literato. Para o afirmarmos, porém, rehabilitemos primeiro esta expressão que o mau exercicio da literatura tem achincalhado. A criação literaria é uma das actividades humanas mais belas e mais fortes. Se todas as actividades humanas têm em si a criação e uma parte da verdade, que seja o sentimentalismo ou a metafisica, como desprezar uma das mais fortes e mais humanas, a criação literaria? Comparemos esta situação com a pintura. E' claro que, quando se pinta, se póde fazê-lo com misticismo, com ternura, com tragedia, mas tambem se póde pintar com alma e pensamento pictural. E os maiores pintores, Velasquez ou Monet, são os que pintam com pensamento pictural. A criação e o pensamento literario é assim que se explica. Ha escritores de espirito tragico ou filosofico mas ha-os tambem, e não dos menores, de espirito literario. O espirito literario é uma actividade critica das coisas e das pessoas, e numa actividade criadora de arte. Trabalha e analisa a vida para criar arte, e isto com a linguagem. Espirito literario tinha, quasi exclusivamente, Oscar Wilde, emquanto a vida torpe não dominou a sua alma. Com espirito literario é ainda feita a sua extraordinaria «Balada da Prisão de Reading» embora a tragedia quizesse dominar a qualidade da sua alma.

E' assim Antonio Ferro—um espirito literario, uma actividade literaria.

O mundo ha de aparecer-lhe sempre como um motivo para criar arte, com as suas figuras a esculpir, as suas paisagens a pintar, os seus dramas e as suas alegrias a estatuar. Antonio Ferro é um literato, um pintor da vida e das suas imagens mais brilhantes, mais coloridas, mais fortes. A função literaria de escolher e descrever as coisas escolhidas, ele proprio a sente quando diz:—«E' arrancar á vida a porção de divino». Toda a sua vida interior e toda a sua literatura estão nisto—fazer da vida arte e dar a arte, a beleza, a divindade, que ha oculta na vida, em eternas formas de arte. E' a mesma actividade de Oscar Wilde, mas com o amor da beleza estavel e sereno, substituido por um amor frenetico da criação, da beleza mutavel, da luz, da vida e da morte. Ha nele um instinto de criação constante: «A Arte é a Divindade do Homem. A Arte foi dada ao Homem para que ele se fizesse Deus».

E' por isto que Antonio Ferro defende o arteficialismo. Arteficialismo é afinal o que é feito por arte do homem e portanto uma criação, uma vitoria do homem sobre a vida. Nisto se prende instintivamente com a filosofia nascente do movimento português, esta energia humana, esta força de criação e de combate do homem contra a Vida e o Universo.

Já se vê, pois, quanto este arteficialismo é grande e forte, e se distingue do arteficial que é arteficial sem o querer, por incapacidade, por inferioridade. O arteficialismo é nele um grande e grave drama. E' ainda a luta do homem com a fatalidade. Quando Antonio Ferro diz que a «Arte faz frente á vida» não faz uma frase, manifesta a sua vida mais intima, á sua profundidade criadora. Ele mostra que tem um pensamento literario que arteficialisa, que recria a vida para a dar em imagens belas.

Nas duas conferencias «Arte de Bem Morrer» e «A Idade do Jazz-Band» que são a teotria da sua arte ele não se cansa de o fazer sentir por todos os modos:—«Porque não fazemos Arte com a Vida porque não fazemos como Deus, esse extraordinario pintor dinamico?...»—Eis toda a sua alma de literato revelado. As aparencias exteriores que toma, o malabarismo, o ilusionismo, não são mais do que revelações exteriores desta verdade.

E' claro que Antonio Ferro tem os defeitos das suas qualidades. Porque é literato exagera a literatura, porque é modernista desengonçou a prosa. Mas ele caminha seguro, para um equilibrio seu, que já se adivinha e que se não deixou felizmente vencer pelo classicismo. E' um renovador e dessa renovação fazem parte os trocadilhos voluntarios, a acumulação e complicação de imagens.

E dos seus livros se vê que as complicações, os artificios são nele imagens exteriores da renovação do espirito literario, a que ele, literato essencialmente mais do que ninguem tem que proceder. As suas imagens são a revelação da sua vida interior, da sua criação propria, como noutros os conceitos filosoficos ou os gritos de sentimento.

Mesmo na poesia que é em geral criação metafisica, ou tragedia, ou sentimento, ele tem criação literaria e sobretudo criação de imagens. A ele se poderia chamar com mais propriedade que a Stelio Efena, o Imagnifico. E é por isso que as suas melhores poesias são «Sevilha», a «Feira» e «Cabinda», que se prestavam á sua criação propria, e escaparam aos ritmos do fado, sentamentalismo torpe da decadencia portuguesa, que ainda tocou alguns dos seus versos.

Não quere isto dizer que o sentimento, a ternura, o pensamento não animem as suas criações. Quer dizer que a disciplina interior da sua alma é outra. Ele realisa literariamente toda a vida; mas porque a vida é complexa, a sua literatura tambem o será.

Ele dá humorismo, dá ternura, dá revolta mas tudo animado pela vontade de criar literatura. E' essa vontade criadora que tudo disciplina.

Veja-se para exemplo o seu humorismo, que é uma reacção para os sentimentos demasiado adquiridos, um ardor de combate e um processo de renovar a literatura e de criar imagens. E' um humorismo que não analisa, é um humorismo criador. Sobretudo criador de imagens, pela novidade a que se prestam as suas aproximações.

Ao contrario o humorismo de Ramon Gomez de la Serna—e cito este porque é uma organisação de humorista das mais completas, é todo feito de analise, de comparação, destinada a dar o resultado comico, grotesco, verdadeiro para o seu pensamento de humorista. E' um humorismo que procede por diminuições e amesquinhamentos sucessivos, por aproximações imprevistas, mas logo evidentes, por comparações, de onde resalta o ridiculo. E assim como Ramon Gomez de la Serna quasi todos os verdadeiros humoristas.

Antonio Ferro não. Antonio Ferro aproveita-se de mais um processo de criar, porque ele é não um analitico, um humorista, mas um criador. Com esta qualidade de alma estava Antonio Ferro destinado a ser um criador de figuras e a descrever o ambiente em que elas se movam. Realmente estava Antonio Ferro destinado a ser o cronista da nossa época, das figuras que a representam, dos ambientes que lhe dão vida. O romance é quasi sempre a fixação dessa vida e dessas figuras. Antonio Ferro parece, pois, destinado a ser o romancista da nossa época. Parece? Mas, na verdade, Antonio Ferro já o começou a ser. Na verdade alguns dos seus livros são já capitulos desse romance. São os capitulos em que ele cria as figuras desse romance. Foi buscá-las á vida? Mas a que vamos nós buscá-las sempre? Apesar de terem nomes vivos são criações de figuras literarias. Nisto não diferem as criações de Gbariel D'Annunzio, ou da Colette, ou da Leviana. São tudo criações de figuras literarias.

Parece que ele anda a ensaiar os personagens do seu romance futuro. A ele pertence um poeta cheio de genio e de audacia, quasi divino e por isso mesmo acima da moral que se faz «condotieri», heroe, principe e profeta. Chama-se ele no romance Gabriel D'Annunzio. Mas o romance descreve tambem a perversidade bela, a decadencia, a graça da vida moderna e tem por isso um personagem que se chama Colette. E para que ao ambiente não falte a figura burgueza, arrastada no turbilhão da vida que a artificialisou e perverteu, lá temos a «Leviana», a Leviana que não é bem uma novela, mas a criação perfeita, duma figura literaria.

Antonio Ferro não faz critica literaria na Colette, como não faz critica politica no Gabriel D'Annunzio. Exaltou a vida e dela escolheu aquelas figuras formidaveis de romance.

E o que é curioso é que nas suas cronicas, como na «Batalha de Flores», é ainda á mesma obra literaria que Antonio Ferro procede, como pintor das figuras e das coisas de hoje. E' como que a preparação para uma observação mais forte, nesta literatura das coisas menores, nesta descrição das pequenas figuras como aquela de «Gallito, o dansarino», tão bem desenhado e colorida. Não são cronicas de episodios como as de quasi todos. E' ainda criação literaria de figuras e de ambiente. A «Menina do Chapelinho Vermelho», póde entrar ámanhã no romance ao pé da «Leviana», como sua irmã timida e fraca. Tambem para encher o romance da populaça hostil que chama cabotino ao genio de D'Annunzio, não tem Antonio Ferro mais do que transportar as pessoas que descreve no seu prefacio do «Mar Alto».

Foi talvez por esta ser a melhor obra de Antonio Ferro que o publico, o tal publico do romance, tentou esmagá-la.

E no entanto o «Mar Alto» é já uma obra completa na sua realisação.

São já as figuras e as suas ideias em conflito vivido. E' o conflito dos artificios humanos (dos seus sentimentos se preferirem) com a natureza eterna e os artificios já naturais e adaptados ao sangue.

E' o drama das coisas que nos vestem, as sêdas e rendas, mas tambem a beleza, o encanto, a moral, tudo que é a nossa vida—e lá no fundo a alma despedaçada por isto tudo. E' tambem, o drama da estupida fatalidade da vida material misturada a todos os nossos sentimentos. Tudo isto é o «Mar Alto», peça sobria e serena em que o modernismo de Antonio Ferro ganha a sobriedade e o equilibrio necessario mas sempre modernos.

O «Mar Alto» é emfim, a criação literaria completa, o desenho das figuras, o ambiente, o seu choque; e o conflito criando numa vida propria, num sentimento seu. E' a vida criada pela arte, pelo pensamento literario, e nem por isso é menos real, menos amarga. Porque o literato forte e grande descreve a vida com a intensidade que ela tem.

Antonio Ferro diz para justificar a sua criação: «E' preciso que o Teatro seja a vida, mas seja tambem a Arte». Eu direi dentro do seu feitio de alma e criação, que é preciso que o Teatro seja só Arte. Isto quere dizer visão escrita da vida, a criação de simbolos por meio da arte. A vida desta peça é grande e intensa e profundamente verdadeira. Quem vê a decadencia deve descrevê-la, tal como ela é sugestionadora de imagens e figuras dolorosas.

Antonio Ferro começou a realisar a criação completa, o conflito das suas figuras. Já se vê, pois, a que póde chegar o Modernismo, animando um pensamento literario.

Quiz dar por isso o seu sentido, agora que já realisado, ele vai poder começar a fazer a sua criação, os seus romances, os seus dramas, as suas pinturas da época que vivemos, das figuras que nos rodeiam e nós somos, do bem heroico ou do mal depravado.

Porque para um literato, a vida de hoje, os homens de hoje dão um inexgotavel elemento de literatura.

JOÃO DE CASTRO

TEATRO SÃO LUIZ
Na proxima semana Primeira representação nesta temporada, da peça historica de grande espectaculo de Paulo Giacometti, tr. de Ern. Biester
Maria Antonieta
Protagonista: PALMIRA BASTOS
Os mais sensacionais e arrebatadores episodios da Revolução Francesa

TEATRO NACIONAL Telef. N. 3049
Continuam as enchentes! Noites de entusiasmo!
HOJE, ás 9 e 1|2 da noite
A popularissima peça do dr. Julio Dantas
A SEVERA
Esplendida creação de ESTER LEÃO
Preços reduzidos

Dr. Casoão de Anciães
Ex-assistente do Prof. Strauss, em Berlim
CLÍNICA MÉDICA
ESTOMAGO, INTESTINOS, FIGADO
Endoscopia — Dietética
RUA DO SALITRE, 55, r/c. Ás 4 horas

A Cidade

DR. ANTONIO DE MENEZES, ex-Assistente do Instituto para educação e tratamento de creanças defeituosas em Berlim-Dahlem (prof. Biesalski) — **Ortopedia** — (Tratamento das deformidades e paralisias, creanças defeituosas, tuberculose dos ossos e articulações, aparelhos ortopedicos, massagem, ar quente, electricidade, sol artificial) — Consultorio (provisoriamente): Rua do Mundo, 84, 2.º — 2.as 4.as e 6.as, ás 11

Chá das cinco

Opiniões de artistas

Ultimamente, em Lisboa, tem havido recitas que são verdadeiras tempestades, para autores, actores e publico. Em França tem-se dado, algumas vezes, a mesma coisa, o que deve consolar-nos, mostrando-nos que essa efervescencia, justa ou injusta, não é defeito só nosso.

Mas a mania dos inqueritos levou os franceses a preguntarem a dramaturgos, e artistas em voga, se as manifestações de desagrado, no teatro, podendo chegar até *siffler* a peça ou o desempenho, eram legitimas.

Cora Laparcerie, a apaixonada interprete da *Danseuse rouge* e do *Mon homme*, a actriz consagrada, mulher do dramaturgo Jacques de Richepin, respondeu que sim, que o publico tinha todo o direito de manifestar o seu desagrado, pois que o unico publico odioso, é o publico indiferente, aquele que é sendo excessivo na censura tambem o pode ser no entusiasmo.

Gémier, o director do Odéon, responde que a censura do publico, mesmo violenta e ruidosa, educa o artista, actor ou autor, se fôr feita com justiça.

A dificuldade está em discernir essa justiça!... Em teatro, tantas vezes o que é desprezado hoje é glorificado ámanhã...

Kistemaeckers, o conhecido autor da *Flambée*, entende que o publico pode patear ou *siffler* uma peça se pagar — sendo convidado, não. Isto é o mesmo que dizer aos jornalistas, que frequentam o teatro de graça, que só têm direito de manifestar-se nos seus jornais. E' uma opinião de artista, que quere que no campo da arte as questões de arte se discutam.

Pierre Wolff é ainda mais radical e diz que, se comprar gravatas ou peugas numa loja, que as anuncie como boas, e elas não prestarem, não volta lá, e que se o jantar para que o convidou Madame *** fôr mau, faz o mesmo, sem ruidosas manifestações de mau gosto. E remata: *Soyez poli.*

Maria de Carvalho

Touros de morte

Uma representação

Foi hoje entregue, ao ministro do Interior, a seguinte representação:

Ex.mo sr. ministro do Interior; — O Congresso Ribatejano, reunido em Santarem, em Maio de 1923, aprovou por enorme maioria (apenas 3 votos contra!) a tese do congressista dr. Mota Cabral — «Toiradas na região ribatejana» — na qual se defendem os toiros de morte em hastes limpas, como é da mais remota tradição portuguesa, mutilada desde 1834 não se sabe bem porquê...

Considerou o congresso, aprovando as conclusões da tese:

Que as toiradas estão ligadas á indole do povo português por filões de uma tradição historica que vai até á fundação da nacionalidade;

Que são o espectaculo que fala á alma do povo e «a figuração mais altaneira do genio peninsular» — como disse Fialho de Almeida;

Que tendem a conservar, como escolas de destresa decisão e coragem, as grandes qualidades da raça;

Que as toiradas sem morte e com toiros embolados são um arremedo hipocrita que, levando muitas vezes o animal ao castigo, a sofrer curativos e consequencias de feridas infectadas, dão ao espectaculo (prejudicando o fim logico da tragedia) cruesas de sofrimento bem mais atrozes que uma morte em luta aberta em que a fera, excitada, não sente os maus tratos e morre em combate, dispondo das suas armas e defesas;

Que «por não haver disposição legal proibitiva», nada justifica a interdicção do toureio integral;

Que afastada a brutalidade dos cavalos estripados, como consta do regulamento junto que é parte integrante do voto do congresso, todas as considerações, até mesmo as de ordem sentimental, depõem a favor dos toiros de morte;

Que as toiradas são a mor receita de grande parte dos hospitais e Misericordias do país, principalmente no Ribatejo.

Assim, vem a comissão delegada do congresso trazer ao conhecimento de v. ex.a o voto do congresso (a que a imprensa logo deu prolongado eco), pedindo o consentimento das autoridades para o manifesto desejo de uma região das mais ricas e caracteristicas do país.

A comissão, Pedro Antonio Monteiro, Mota Cabral, José Lopes Nogueira da Silva e José de Vasconcelos.

"SANGRE Y ARENA,,

Ontem pela primeira vez matou-se um touro no Campo Pequeno

Finalmense matou-se um touro na Praça do Campo Pequeno. Este facto, que merece ser festejado pelo precedente que estabelece, foi porém praticado em condições que indignam: pela falta de humanidade,—o touro morreu amarrado sem defeza,— e pela falta de arte,—o matador foi um magarefe sem alternativa.

Não ha uma sociedade protectora de animais que zele pela defesa do touro?

Não ha uma autoridade que na nossa primeira praça exija um matador de categoria Maera, por exemplo?

Neste desejo de egualarmos os paises civilizados onde se matam touros permitindo-lhes defezas,—França, Italia, Espanha, Americas,—melhor se têm portado praças de menos importancia—na Amieira o matador foi Gallito, em Salvaterra foi Facultades, em Barrancos novilheiros experimentados, etc.

Mas analisemos os antecedentes do memoravel acontecimento.

Para angariar receita para o «raid» Lisboa-Macau anunciou-se uma corrida com duas «surpresas»—«branco é galinha o põe»—A autoridade visou o cartaz e os jornais reclamaram a corrida, ampliando o facto que garantia o exito financeiro, Nesta altura surge o costumado comunicado proíbitivo do Governo Civil, que não fez grande impressão porque seguidamente era visada uma tira-cartaz confirmando a surpreza e anunciando a vinda do «puntilléro». Não restavam duvidas. Mas, chegada a vespera da corrida, do governo civil saiem legiões de policias farejando o espada Maéra, Uns foram parar ao Parque Mayer, outros ao Club Mayer, e todos regressaram afirmando que o «Mayera» não aparecia.

Em certos arraiais houve festa: «o homem nem cá vinha!»

Mas o «homem» já cá estava e em casa dum amigo, quasi familia, na rua Visconde Valmor. E encontrado por expontanea confidençia foi intimado a ir ao Governo Civil. E' o proprio «Maera» que nos conta o que se passou:

«El zeñó Gobernaó fué muyamáble, me hizo entrar enseguida, sientar a su láo y dijo que me conoció en Sevilla de verme torear en el Cortijo de lôs M ura cuando der encuentro de «foot-ball» Portugal-España. Luégo dijo que le gustaba la muerte der toro y a los portuguézes tambien... pero que yo tenia que firmar la responsabilidad de no matar aqui er toro. Yó que soy extranjéro y respéto las leys del Paiz firmé lo que me mandó y, cláro, no maté pero senti con er toro en puntas una emocion que nunca me dan aqui los tóros con sácos, tirando cornádas por el dolor de las cuerdas en su parte más sensible. Lo que me gustaba ser er priméro a matar un toro en Portugal! Y la prüéba es que siendo convidádo por er zenó Gobernaó a torear la corria de las Misericordia, lo autorizo a uté a hacer publico que toreo sin cobrar si me dejan matar un ô dos toros, cuya carne será para los póbres».

Porém, é preciso que se saiba que quem prejudicou a corrida para o «raid» Lisboa-Macau, contrariando o seu melhor réclame, foi o Estado, o Estado que não contribuiu para que o «raid» se fizesse. Foi o actual presidente de conselho e ministro do Interior quem, apavorado pela oposição duma insignificante minoria, muito mais minoria e muito mais insignificante que a oposição que lhe faz o Parlamento, se opôs ferozmente, colericamente, a que se matasse um touro... que afinal se matou em circunstancias muito menos interessantes, muito mais deshumanas.

O fraque cinsento do senhor Rodrigues Gaspar perdeu ontem uma ába e fez perder a linha ao estadista. Saiba sua excelencia que Doumergue, o presidente da Republica Francesa, está muito de acordo com a morte do touro como se pratica no Meio Dia, da França, onde nasceu. Que o rei de Italia e Mussolini autorizaram a morte do touro em Roma, como o rei de Espanha e Primo de Rivera em Espanha e finalmente que o ilustre chefe de Estado, sua ex.a o sr. Teixeira Gomes, artista e estéta, depois de se informar se ontem afinal se matava o touro, retirou do Campo Pequeno. desiludido, manifestamente desiludido como todo o publico que viu sair o touro de Palha Blanco com emoção, conteudo a respiração, interessado e aguardando a pé firme, já terminada a corrida e noite fechada, que se matasse o touro, o touro que devia ser morto em duelo por «Maéra» e que foi assassinado cobardemente por um magarefe.

E basta de comentarios. Se a opinião publica, a opinião publica que baila nos discursos politicos, merece ser ouvida, que a ouçam e ouvirão o que nós temos ouvido, na praça, nas ruas, nos cafés. Se a élite intelectual merece ser consultada, que o façam como o fez ha tempos o *Diario de Lisboa*, num inquerito que pode ser repetido e que se manisfesta sempre pelos touros de morte, pela verdade, pelo desterro da hipocrisia.

A corrida de ontem a que conhecidos amadores deram o melhor do seu esforço e em que saíram touros de Lima Monteiro, alguns cumprido e nobres, como aquele em que «Maéra» por satisfazer o publico e ignorar os habitos deu logar a um conflito, a corrida de ontem a que concorreu fartamente um publico que queria vêr matar um touro, foi uma corrida como todas as outras, vulgar, sem inedito, sem emoção, hipocrita.

El Terrible Perez

Queixas á policia

Entre varias queixas apresentadas á policia contam-se as seguintes:

De Francisco da Fonseca, hospedado no hotel União, de que, pelo processo do «conto do vigario», o burlaram na quantia de 1:750 escudos; de José de Brito, largo Marquez de Abrantes, 5, de que, tambem pelo mesmo processo, ficou sem 1:500 escudos; de José Baptista Ribeiro, estrada da Charneca, 28, de que os gatunos entraram na sua residencia, de onde lhe furtaram varios objectos no valor de 5:500 escudos.

O «raid» a Macau

A fim de encerrarmos a nossa subscrição para a viagem aerea Lisboa-Macau, entregando ao Aero-Club o resto da importancia apurada, rogamos a todas as pessoas que angariaram donativos que no-los enviem, com as respectivas listas.

Do sr. José Julio de Brito Pais Falcão recebemos dois cheques de 100$00 cada, que lhe foram entregues pelo sr. Isidro dos Santos de Cercal do Alemtejo. São enviados de Santos, pelos srs. Armando Boaventura Rego e Augusto Soares.

O CASO DO DIA

As juntas de freguezia estão indignadas por não ter ainda sido aprovada a lei do inquilinato

As Juntas de Freguezia—Juntas de Paroquia chamadas antes de 1910—são os organismos que mais perto estão do povo, e, portanto, melhor conhecem as suas aspirações.

Pois as Juntas, representadas pela sua Federação Central, acabam de publicamente protestar contra a atitude do Parlamento, perante a lei do inquilinato.

* * *

O sr. dr. Alfredo Guizado, vereador, poeta e politico, é o presidente da Federação eleita pelo Congresso das Juntas. A ele nos dirigimos hoje:

—O que ha, afinal, sobre o pedido de demissão?

—Como se sabe, a Federação Central não existe de direito, mas de facto. E, de facto, somos nós que representamos as 3.600 Juntas que nos elegeram.

—Esta questão da lei do inquilinato...

—Tem sido demorada a sua aprovação, o que muito tem indignado as Juntas de Freguezia. Farta de esperar, durante muito tempo, a Federação resolveu significar o seu protesto, indo-se embora. Eu e o vice-presidente procurámos o sr. Rodrigues Gaspar a quem o comunicámos.

—E o chefe do governo?

—Disse-nos que não nos dava a demissão, não só por a Federação não ter existencia legal, mas tambem porque achava que nós não deviamos abandonar os nossos postos. Ao mesmo tempo, prometeu-nos envidar todos os esforços para que o caso se resolva ainda nesta sessão legislativa que, como sabe, acaba no dia 15.

—O que pretendem as Juntas?

—Que a Camara dos Deputados aprove a proposta do sr. dr. Catanho de Menezes, ilustre ministro da Justiça, com as emendas do sr. dr. José Domignues dos Santos. Estamos muito gratos a estes dois parlamentares e ao Senado que aprovou a proposta.

—Porque razão é que tem sido demorada a discussão da lei?

—O relator, sr. Antonio Dias—pessoa que nunca mais volta a ser eleito pelo seu circulo—lembrou-se de apresentar um contra-projecto, cheio de alçapões e de portas falsas.

—Têm esperanças de que até ao dia 15 seja aprovada a lei?

—Pode ser...

—E se não fôr?

—A resposta—a que darão a interpretação que quizerem—está nesta nota oficiosa saída da reunião secreta que ontem tivémos com as Juntas de Lisboa e do Porto. «A Federação das Juntas de Freguezia de Portugal, reunida em sessão secreta com os delegados das Juntas de Lisboa e do Porto, para apreciar a atitude do Parlamento na discussão da lei do inquilinato, pede a todas as Juntas do Paiz para se conservarem serenas até ao momento de agir, o que lhes será indicado numa circular confidencial.»

E mais não disse o sr. dr. Alfredo Guizado que fechou a conversa com um sorriso significativo...

UM ALVITRE

dos passageiros da linha de Cascais

Varios leitores, moradores na linha de Cascais, chamam-nos a atenção para o facto dos dois rapidos — o das 9-04 de Cascais e o das 19 do Cais do Sodré — irem sempre apinhanhados. Dado o encarecimento dos bilhetes, a maior parte dos passageiros de 1.a classe passou a utilizar-se das carruagens de 2.a classe. Ora, dando-se o caso de, nestes rapidos, em contraste com as outras classes, a 1.a ir quasi vazia, não haveria possibilidade de substituir uma dessas carruagens por uma de 2.a ou de aumentar uma carruagem desta classe?

Á Sociedade Estoril, sempre pronta a atender os legitimos interesses dos passageiros, pedimos que estude este alvitre e a maneira de o pôr em pratica.

AOS COLECIONADORES NEGOCIANTES DE SELOS — Selos de franquia dos Açôres, novos, de $40 centavos, azuis, vende-se porção. Aceitam-se propostas. Nesta administração se informa.

A Cidade

T. S. F.
APARELHOS, PEÇAS SOLTAS E ACESSORIOS
OS MELHORES PREÇOS
CONSULTAS GRATIS
ARMANDO CASQUILHO
ENGENHEIRO-ELECTRICISTA
RUA DA VICTORIA, 73-2.° LISBOA

SECRETAMENTE...

A reunião

DOS FRANCEZES

na "Charcuterie,,

e uma apreciação DA REPORTAGEM

do "Diario de Lisboa,,

Dos srs. Beauvalet e Colson recebemos a seguinte carta:

Sr. Director: Lemos o artigo que o seu jornal de 6 do corrente consagrou á reunião dum certo numero de membros da Colonia Francesa—reunião que se realizou na *Charcuterie,* no ultimo sabado.

Como esse artigo encerra muitas inexactidões graves que nos podem prejudicar, vimos pedir-lhe o favor de inserir no mesmo lugar a presente carta de rectificação.

1.° Não houve qualquer dissidencia entre o grupo em questão e a Camara Francesa de Comercio. O fim das reuniões precedentes, era uma acção destinada a apoiar e a reforçar a da C. F. de C. cujo presidente empregou em Paris, junto do governo francês, os seus melhores esforços para que surtissem efeito as negociações pendentes entre os dois paises.

2.°—E' inexacto que a entrega duma carta da Colonia Francesa ao sr. Presidente Doumergue deva ser feita, sem que dela tenha conhecimento o sr. ministro da França em Lisboa, pois foi decidido, por unanimidade, que a carta em questão lhe fosse comunicada por uma delegação do grupo.

3.°—E' inexacto que essa carta contenha qualquer protesto ou critica, clara ou velada, contra os actos do sr. ministro de França, nem que o sr. presidente da mesa tenha dito qualquer coisa em seu desabono.

4.°—As frases *téxtuais* citadas no seu artigo nunca foram pronunciadas.

Agradecendo desde já a publicação desta carta, no primeiro numero do seu jornal, receba, sr. director, o testemunho da nossa consideração.—Pela mesa: *Beauvalet,* presidente, *E. Colson,* secretario.

O *Diario de Lisboa* não costuma inventar acontecimentos para publicar entrevistas, pois que segue o sistema contrario. A reunião da colonia francesa realizou-se na *Charcuterie* da rua do Carmo. Apareceu o respectivo convite nos jornais, como ás vezes acontece? Cremos que não.

Foi, por ventura, o sr. Bonin, informado previamente, não só da reunião, mas tambem do assunto que nela se ia debater?

Do proprio texto da carta que publicamos deduz-se uma resposta negativa.

Portanto, houve um certo misterio no que se passou—o que confirma as informações do *Diario de Lisboa.*

E quem poz o jornalista ao corrente de tudo?

Um membro da colonia francesa que assistiu á reunião e que nela não esteve a dormir.

Os srs. Beauvalet e Colson, vindo ontem á nossa redacção, não puzeram em duvida o facto, limitando-se a designar o nosso informador com este epiteto—*un aigri.*

Não conhecemos o sr. Bonin nem temos contra ele sombra de antipatia. Já ouvimos apreciar a sua acção diplomatica ora com elogio e ora com censura—o que está na ordem natural das coisas, visto que a perfeição não é deste mundo.

E' mesmo muito provavel que, no respeitante ao acordo comercial entre Portugal e a França, as suas culpas não sejam tantas, como se tem pretendido insinuar, ou que não existam, sequer.

Nestas palavras com que acompanhamos a carta dos srs. Beauvalet e Colson, aos quais significamos a nossa muita consideração, pretendemos simplesmente frisar que o nosso

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

A OBRA DO GOVERNO

Basta

de palavras inuteis

que nada resolvem

diz Carvalho da Silva

Ha dias o sub-leader da minoria monarquica, sr. Carvalho da Silva, afirmou no Parlamento, em termos categoricos, o seguinte, a respeito do actual ministro das Finanças:

—Um homem sem uma ideia, sem um programa, sem um pensamento...

Hoje, em conversa com o ilustre deputado monarquico, lembrámos-lhe essa sua frase parlamentar. Carvalho da Silva respondeu nos imediatamente o seguinte:

—Sim, afirmei isso, com efeito, e os factos comprovam absolutamente as minhas palavras.

—Então?...

—Veja-se a atitude que ele tem assumido na camara em face daquele montão de propostas que a fantasia do sr. Velhinho Correia fabrica dia a dia, substituindo hoje a proposta que ontem apresentou—e que demonstraram ser uma barbaridade impraticavel. E quando preguntei quanto calculavam obter da aprovação de algumas dessas propostas—não responderam absolutamente nada, porque não sabiam: nem o presidente do governo, nem o ministro das finanças.

—E é assim que se lançam novos impostos...

—Sim, com o maior desconhecimento daquelas elementares regras de sciencia financeira que estabeleceu para o imposto aquele limite, além do qual se impede a criação de nova materia colectavel. No nosso caso, note-se, já se não trata desse limite, pois, na quasi generalidade dos casos, a capacidade tributaria está de tal maneira esgotada que já nem ao contribuinte deixa o indispensavel para viver.

E' assim que, embora os republicanos digam o contrario, a lavoura, o comercio e a industria se vêm já a braços com a mais pavorosa das crises, cujas consequencias não tardam a fazer-se sentir calamitosamente...

* * *

—Mas, propriamente sobre os impostos...

—Incidem sobre os generos de primeira necessidade e assim o custo da vida vai subir duma maneira espantosa, não se saindo, e agora mais pronunciadamente, do circulo vicio de aumentar impostos para diminuir o *déficit* orçamental, originando a necessidade de novas subvenções como consequencia da carestia da vida, resultantes desses impostos.

—Circulo vicioso...

—Certamente. Qualquer ministro que levasse para o desempenho da sua pasta uma consciente preparação, partiria do principio de que três coisas são indispensaveis: redução de despesas publicas, diminuição do custo de vida, atracção de capitais.

—Redução de despesas...

—Nem sequer se fala nela.

—Diminuição do custo de vida?

—Independentemente da melhoria cambial, seria resultante duma cuidada revisão de pautas e do não aumento de impostos. Na primeira não se fala, e com respeito a impostos só se pensa em agravá-los.

—E quanto á atracção de capitais?

—Só se faz o contrario, como o demonstra o espantoso decreto ha dias publicado ácêrca da selagem dos titulos ouro dos fundos estrangeiros.

—Esse decreto...

—Estabelece como selo o imposto sobre o capital, que pode ir até 10 % do valor dos titulos, á sua cotação actual. Escusado é dizer que a consequencia será a emigração de todo o capital representado nesses titulos, deixando ao mesmo tempo de aparecer na praça os «coupons» respectivos, que eram um dos meios de que podiam dispôr para as suas coberturas no estrangeiro.

—Isso deve influi no agravamento cambial...

—Sem duvida que influi. Mas, além de tudo, esse decreto é absolutamente inconstitucional, porquanto estabelece como penalidade até a propria confiscação dos titulos, o que é taxativamente proíbido no numero 23 do artigo 3.° da Constituição.

E como se tudo isto não bastasse, aí temos tambem a ideia de misturar, numa só proposta, o agravamento de impostos e um ligeiro aumento de subvenções, quere dizer o agravamesto do custo da vida, resultante dos conjuntos absurdos, será umas poucas de vezes maior do que a suposta melhoria concedida ao funcionalismo.

—Isso tudo prova...

—Que a Republica faliu—pois faz uma vida de meros expedientes, que a comprometem dia a dia, hora a hora...

MACHINAS

de Escrever, usadas, e reconstruidas nas nossas Oficinas, com a garantia de 5 anos, vendemos aos melhores preços do mercado.

Não se esqueça de consultar sempre a

EMPREZA RECONSTRUCTORA DE MACHINAS DE ESCREVER, L.DA
(Defronte do Limoeiro)

SÉDE NA S/ PROPRIEDADE
LARGO DE S. MARTINHO, 8 a 11
Telef. C-3081

FILIAL
R. DOS RETROZEIROS, 58
Telef. C-1020

Pelos teatros

Teatro Nacional

Realizaram-se os nossos vaticinios quanto ao sucesso que deveria obter a peça «A Severa», depois da sua «reprise» no Nacional. Sabemos que é intenção do administrador do nosso primeiro teatro, o ilustre escritor sr. Lino Ferreira, incluí-la na proxima epoca de inverno, no repertorio de fundo do Nacional, uma vez entregues al-

Ribeiro Lopes

que desempenha o papel de «Custodia»

guns dos papeis, agora interpretados por artistas contratados, a outros da classé dos societarios, resultando daí uma maior unidade no seu desempenho. Desta resolução partirá a possivel organização de dois grupos para a interpretação do repertorio deste teatro, facilitando futuras digressões pela provincia, com o caracter artistico que a lei determina, uma estadía no Porto, em epoca propria, onde a companhia não vai já ha anos e, finalmente, até uma «tournée» ao Brasil, com o cunho oficial e a feição de propaganda do teatro português.

«Maria Antonieta»

Ficou adiada para um dos dias da proxima semana no S. Luís, a «reprise» da peça historica «Maria Antonieta», cujo principal papel vai ser interpretado por Palmira Bastos que, de ha muito, desejava desempenhar a figura da desventurada rainha de França. O papel de «Luís XVI» outrora interpretado por Augusto Rosa, vai ser agora desempenhado pelo actor Carlos de Oliveira aguardando-se, pelo resto do conjunto, que a peça tenha um belo acolhimento do publico, dado que será representada com todo o aparato e magnifico guarda-roupa de Castelo Branco, no rigor da epoca.

Atrás do reposteiro

Depois de uma serie de espectaculos no teatro do Bombarral, estreia-se ámanhã, nas Caldas da Rainha, a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que ali vai representar algumas peças do seu repertorio.

—De Alcobaça, seguiu para a Povoa de Varzin a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que deve reaparecer no Politeama nos primeiros dias de Outubro.

—A companhia Armando de Vasconcelos deve seguir para Vigo no dia 26 do corrente, a fim de estrear naquela linda cidade galega no dia 27, demorando até ao dia 31.

—Desistiu da proposta que fizera para a exploração do Trindade, no proximo inverno, o sr. Augusto Pina.

—A companhia que trabalhou ultimamente no Politeama parte para o Sá da Bandeira, no Porto, contratada por uma nova empresa constituida por dois distintos homens de teatro, com o seu elenco reforçado e com o seguinte repertorio: «Campinos», «Conde de Monte-Cristo», «Fiel amigo» e «Guerra em tempo de paz». Dirige a companhia o actor Rafael Marques.

—Tem passado ligeiramente incomodada de saude a actriz Berta de Bivar.

—Confirma-se o adiamento da festa artistica da actriz Laura Costa, no Maria Vitoria, para o dia 15 do corrente.

—Em homenagem ao actor Januario Ruivo, realiza-se, no Gremio Beirão, no proximo sabado, uma recita em que tomam parte o homenageado e os distintos artistas Emilia Berardi, Antonio Ramos, João Gaspar e Carlos Sampaio.

O desfalque de 1200 contos

O agente Antonio Teixeira esteve hoje na séde do Montepio Nacional, ouindo varios empregados ácerca do desfalque de 1.200 contos.

RECOMMENDADO
PELA
FABRICA
«DELAHAYE»

AUTOMOBILISMO

OS GRANDES SUCESSOS

RECOMMENDADO
PELA
FABRICA
«CHENARD & WALKER»

Anno de 1922

Grand-Prix de la Consommation
(RECORD DO MUNDO)
LE MANS, 28 de Maio de 1922

Bocchi . . . . em MATHIS 50 Grs. aos 100 Kms.

RECORD DO MUNDO

Poulain. . . . . » CITROËN 75 » » » »
Barbier. . . . . » CITROËN 80 » » » »
Gros . . . . » BIGNAN 300 » » » »
Gaudermen . . . . » VOISIN 620 » » » »

Grand-Prix Tourisme
do
Automovel Club de França
CIRCUIT DE STRASBOURG, 16 de Julho de 1922

1.° — Rougier . . . . em VOISIN
2.° — Duray . . . . » VOISIN
3.° — Gaudermen . . . . » VOISIN
4.° — Boillot. . . . . » PEUGEOT
5.° — Piccioni. . . . . » VOISIN
6.° — Artault . . . . » PEUGEOT

Anno de 1923

Meeting de Nice . . . . R. Thomas, em DELAGE — 1.° e Record
Course de Côte du Camp (Marseille) . . . . . » » » » — 1.° e Record
Course du Kilomètre à Genève. . . . . » » » » — 1.° e Record
Course du Mont Agel . . . . » » » » — 1.° e Record
Course du Kilomètre arrêté. . . . . » » » » — 1.° e Record
Course de Côte du Pic Montaigu. . . . . . . » » » » — 1.° e Record
Course de Côte de Tours . . . . » » » » — 1.° e Record
Course de Côte des Dunes . . . . » » » » — 1.° e Record
Course de Côte du Limonest . . . . » » » » — 1.° Class. Geral
Course de Côte de Vendranges—(Roanne) . . » » » » — 1.° e Record
Course de Côte du Val Suzon . . . . » » » » — 1.° e Record
Course de Côte du Mont Ventoux . . . . . . » » » » — 1.° Class. Geral
Course de Côte de Laffrey . . . . » » » » — 1.° e Record
Course de Côte de Gaillon . . . . » » » » — 1.° e Record
Course de Côte du Griffoulet. . . . . » » » » — 1.° Class. Geral e Record

É
MAU E CARO
O
OLEO QUE É PRECISO
MUDAR TODOS
OS
700 Kms.

A
«SPIDOLÉINE»
É
ABSOLUTAMENTE
GARANTIDA
PARA
3.000 Kms.

Anno de 1924

Course de LA TURBIE

1.° — Piccioni. . . . . em HOTCHKISS

Course PARIS-NICE

1.° — Rougier . . . . em VOISIN
2.° — Lamberjack . . . . » VOISIN

(Mais 4 Corredores-Amadores Classificados sem penalidades)

Meeting de CHATEAU-THIERRY
(Carros de Turismo)

1.° — Piccioni. . . . . em HOTCHKISS

Parcours CASABLANCA-TUNIS

1.° — Rost e Ladhuie . . . . em GEORGES-IRAT
(Record 34 h. 39 m.)

Grand-Prix Tourisme
do
Automovel Club de França
CIRCUITO DE LYON, 2 de Agosto de 1924

1.° Dauvergne. . . . . em PEUGEOT

TODOS ESTES SUCESSOS
SEM EXCEPÇAO
FORAM OBTIDOS COM

«SPIDOLÉINE»

O UNICO OLEO SCIENTIFICAMENTE PREPARADO PARA MOTORES D'AUTOMOVEIS, MOTOS, ETC.
QUE
A
SOCIÉTÉ ANONYME A. ANDRÈ FILS
PARIS
(A MAIOR CASA D'OLEOS LUBRIFICANTES DA EUROPA)
Acaba de por á venda em todos os Stands e Garages de PORTUGAL

Segundo as Estatisticas Officiais Francezas é esta a 1.ª Marca do Mundo, visto por si só representar 55 % do Consumo Total da França

CONCESSIONARIO EXCLUSIVO
PARA
SUL DE PORTUGAL, ILHAS E COLONIAS
FERNANDO DE MELLO REGO
RUA DO ALECRIM, 12
LISBOA

RECOMMENDADO
PELA
FABRICA
«VOISIN»

RECOMMENDADO
PELA
FABRICA
«DELAGE»

A. Reis, L.da
CHANGEURS • CAMBISTAS • CHANGERS
Compra e venda de moedas estrangeiras — «Coupons», papeis de credito e ordens de bolsa
RUA AUREA, 152 • • • • • LISBOA

ESTRANGEIRO

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necker — PARIS
RINS e vias urinarias.
Venereologia e sifilis.
L. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h. — Tel. 5205-N.

DA AMERICA

Quem GANHOU com a guerra o militarismo ou a democracia?

NEW-YORK, 8

Uma revista americana está fazendo um inquerito ás personalidades eminentes ácêrca das consequencias da guerra.

O ex-kaiser negou-se a dar uma resposta.

O ex-kronprinz respondeu:

— Os Estados Unidos entraram na guerra para destruir o militarismo e implantar no mundo a democracia. Hoje todas as nações se armam até aos dentes, e emquanto a democracia, lançando os olhos para todo o mundo vê-se apenas que a ditadura é a idéia favorita. O unico bem que a guerra fez foi demonstrar que uma nação que não esteja bem armada é impotente e que quando uma nação se sinta mais fraca ninguem a ajuda. — (R.)

Em New-York

dorme-se nos bancos dos parque...

NEW-YORK, 8

Em consequencia da vaga de calor que tem prostrado muitas pessoas, milhares delas dormem nos bancos dos parques durante a noite. As regas e os banhos constantes deram ontem certo alivio, mas continuou-se dormindo fóra de casa. — (L.)

NEW-YORK, 8

O general Ferrara, ministro da guerra, saiu ontem da capital de Honduras com grande numero de tropas, armas e munições, declarando-se em franca rebelião contra o governo. — (L.)

NEW-YORK, 8

Uma nova onda de calor assola a America em varios pontos, atingindo 100 graus Fahrenheit. Já se registaram alguns mortos de insolação. — (L.)

NEW-YORK, 8

Um grupo de bandidos atacou uma «hacienda» em Yukstan, no Mexico, matando 17 pessoas e ferindo 10. — (L.)

CARTA DE HAMBURGO

O povo DA ALEMANHA quere viver, não quere politica

e não tem culpa do que os outros fizeram...

HAMBURGO, Julho. — Quasi se pode afirmar que toda a Alemanha está na espectiva de que advirá da Conferencia de Londres, onde actualmente se prepara, por assim dizer o futuro da Europa. Efectivamente, não ha alemão por mais indiferente que seja que não siga com a maxima atenção todos os debates da conferencia e que não leia diariamente nos jornais as conversações no «Foreign Office» a respeito do seu país.

Para falar, porêm, com franqueza, o optimismo aqui não é muito grande. O povo alemão desde a assinatura do tratado de Versailles tem tido tantas decepções que passou quasi a ser indeferente. Daí a vitoria eleitoral dos comunistas sobre outros partidos, embora nos pareça que nem todos os comunistas o são efectivamente de coração, mas sim que praticam comunismo por... sport.

A situação da pobre Alemanha, não é, falando verdade, das melhores e julgo que não ha hoje nação que esteja neste estado. A vida é quasi fantastica, direi mesmo artificial. Mas essa fantasia não pode no entanto encobrir os milhões de esfomeados que aqui ha, nem as crianças tuberculosas cuja estatistica tem aumentado consideravelmente, nem os «sem trabalho» que formam uma legião enorme, nem aqueles que viviam das suas rendas e que agora quasi não possuem nada.

Um clamor ingente, unisono, se ouve de todo o país: «Acabem com esta tortura que dura ha anos, nós somos homens, nós queremos viver, nós não somos politicos, nós não temos culpa do que os outros fizeram».

Ouvir-se-ha em Londres este grito de misericordia? Oxalá que tudo se regule. O comercio alemão está asfixiado.

Trabalha-se por trabalhar, sem saber para quê. O estrangeiro não compra porque o estrangeiro é prudente e quer vêr em que tudo isto fica. A exportação é por consequencia quasi nula para um país como este que dela vive. A industria, porque o comercio lhe não dá encomendas, está em estado deploravel.

Começa então o regimen da economia: os empregados que nos escritorios, num afan de mostrar que fazer, mas que na realidade nada fazem, lêem uma carta pela milesima vez, podem considerar-se despedidos. Bancos cujas entradas não equilibram as saidas, veem-se forçados a seguir o mesmo caminho. Muitas fabricas diminuem os seus quadros. Em casa as crianças pedem pão e não ha com que o comprar.

E' este portanto o estado das coisas neste momento.

O instante é doloroso e se isto dura mais algum tempo, sem que na Conferencia de Londres se decida alguma coisa de bom para a paz do mundo, que todos nós pedimos, não será então dificil antever a pavorosa catastrofe.

A Alemanha é uma chaga aberta, sangrenta, no coração da Europa. Demonstrado está que sósinha não se poderá curar emquanto não estiverem reguladas as questões que á volta dela se discutem.

O povo costuma agora dizer que nunca um tal cataclismo devastou uma nação! Em que estado encontrariam agora este pais, aqueles homens de ferro dos tempos que já lá vão, principalmente Bismarck se tivessem o don de voltar á vida!!

W. M.

DE LONDRES

Dará METADE do territorio ao Estado Livre a velha Ulster?

LONDRES, 8

O parlamento inglês vai adiar as suas sessões para 28 de outubro.

Se o governo do Ulster não nomear delegado para a comissão da delimitação das fronteiras, ou se não se conseguir qualquer acordo, o parlamento será convocado em 30 de setembro para resolver esta questão, aprovando o projecto que confirma o acordo com o Estado Livre e a nomeação pelo governo britanico de um delegado para estabelecer a fronteira entre o Ulster e o resto da Irlanda.

O Ulster tem-se recusado até agora a nomear delegado para a comissão de delimitação de fronteiras porque receia que tenha que ceder ao Estado Livre mais de metade do seu territorio.

Nos circulos politicos pensa-se que Sir Jams Craig, primeiro ministro do Ulster, e o sr. Cosgrave, primeiro ministro do Estado Livre, consigam chegar a um acordo. — (R.)

O emprestimo

da Inglaterra á Russia

Os tratados entre a Inglaterra e a Russia, um dos quais contem as clausulas de garantia inglesa ao emprestimo do governo dos «sovietes», foram assinados esta manhã pelo primeiro ministro Macdonald e pelo sr. Ponsonby, ministro dos Negocios Estrangeiros.

Por parte da Inglaterra pelo sr. Marvosky, encarregado dos negocios dos «sovietes» em Londres, e pelo sr. Ioffe, conhecido bolchevista, a quem alcunharam, pelo motivo dos esforços que fez para que os tratados fossem aprovados, de «Pomba da Paz». — (R)

Foram presos

os assassinos de Evans

Os assassinos de Evans foram já capturados e identificados como bandidos vulgares que tomaram previamente parte em ocorrencias identicas nas visinhanças de Puobla.

O encarregado de negocios dos Estados Unidos recebeu instruções do seu governo para representar junto do governo mexicano em nome da Inglaterra por motivo do assassinato de Mrs. Evans. — (R)

Teatro MARIA VICTORIA
Ás 8 3|4 e 10 3|4 — 2 SESSÕES
RÉS-VÉS
com o quadro «Em pleno Parlamento»
Dia 15 — Festa de LAURA COSTA
Novidades e surpresas nos dois espectaculos para esta noite

Sir Artur W. Pinero é o profundo dramaturgo inglês que o nosso publico conhece através a sua formosissima comedia dramatica
CASA EM ORDEM
A sua obra prima, interpretada pela estonteante
Pina Menichelli
e a formosa pelicula extraordinaria
SEGUNDA MULHER
que o Cinema Condes estreia hoje nos programas maravilhosos o que é um
Verdadeiro assombro
HOJE — Cinema Condes — HOJE

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C 1196

FATOS E SOBRETUDOS
Rigor da moda, a pagamentos. Rua da Escola Politecnica, 35, 2.º

Eden Teatro — Telef. N. 2300
A mais esfusiante alegria com a bela revista
Vida Airada
EXITO FORMIDAVEL
da Companhia Otelo de Carvalho
O casamento do Zumba e o Xá lá bai
PREÇOS POPULARES

Teatro APOLO
TELEFONE N. 4129
HOJE — Ultimas representações da famosa peça
O CAPITAL
Preços sem locação: Plateia 2$00, 3$50, 4$50, 6$50 e 9$00; camarotes e frisas: 15$00, 20$00, 25$00, 30$00 e 35$00
A seguir: O COMBOIO N.º 9

T. M. E.
Venda em hasta publica dos navios dos Transportes Maritimos do Estado
A fim de se dar execução á Lei n.º 1577 de 10 de Abril findo, se faz publico que no dia 9 do corrente, pelas 13 horas, terá logar na séde dos T. M. E. Rua dos Remolares n.º 35, 1.º, a «segunda praça» para a venda em hasta publica dos seguintes navios:
«FIGUEIRA», «PORTO ALEXANDRE», «SACAVEM» E «PORTO»
Os navios serão vendidos nos termos expressos na Lei, sendo tomada como base de licitação, metade da sua avaliação oficial, e com o seguinte: casco com todos os acessorios; mastreação e seu apetrechamento; maquinas principais e auxiliares; caldeiras e embarcações.
Estes navios continuam patentes ao publico, todos os dias uteis, das 12 ás 17 horas.
Na séde dos Transportes Maritimos do Estado, fornecer-se-hão todas as informações que os interessados desejarem.
A Comissão Liquidataria dos T. M. E.
O PRESIDENTE
(a) Ayres de Castro e Almeida
Agente e pregoeiro
Manuel Ferreira

A's Senhoras
se aconselha uma visita aos
GRANDES ARMAZENS DA BEIRA
onde se encontra o mais completo sortido em tecidos proprios para Casacos de Abafo e Vestidos.
Aos Cavalheiros
Que pretendam adquirir Fatos ou Sobretudos da Moda já feitos ou mandados fazer por medida, tambem ali encontram LANIFICIOS em padrões de novidade e pelos preços mais economicos e Secção de Alfaiataria.
Enviam-se amostras, pedidas aos
Grandes Armazens da Beira
20-22, R. Retrozeiros, 24-26 — Lisboa
Peres & Abrantes, Sucessores

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
* Londres, cheque	152$00	152$50
*/Paris..........	1$86	1$88
* Madrid........	4$55	4$59
* New-York	33$50	34$15

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO DO DIA

	COMPRA	VENDA
*/Italia.........	1$49	1$51,5
*/Suiça..........	6$38	6$47
*/Brasil	—	—
Libra esterlina...	175$00	180$00

A TARDE POLITICA

Vae
ser levantada
uma carta
cadastral agricola
de todo o paiz

O assunto do dia tem sido o caso dos tabacos e tudo quanto gira neste momento á sua volta. Ha muita gente alarmada e outra... que nem por isso.

Na sessão de ontem, e nós registamos o facto, o sr. dr. Nuno Simões enviou para a mesa uma curiosa nota de interpelação. Para quê? preguntamos-lhe hoje á queima roupa. E logo o ilustre ex-ministro do Comercio.

—Para vêr se se esclarece aquilo. A lei não permite o que se fez...

Esclarecendo melhor:

—Para exemplo. Criou-se contra a letra expressa do contracto de 1906,—ponha se quizer: artigo 14.º do acordo,—um novo caso de força maior que pode prejudicar o futuro desse contracto.

* * *

Outro esclarecimento:

—Um dos decretos publicados a seguir ao acordo estabelece que todas as operações industriais complementares do fabrico dos tabacos são exclusivas da Companhia!

* * *

O sr. dr. Nuno Simões, a proposito, requereu hoje copia do parecer da Procuradoria Geral da Republica, das sanções penais a aplicar no processo do exame feito pelo director geral da Contabilidade.

* * *

O sr. ministro da Agricultura acaba de abolir as licenças de transito para os azeites! Ha uma restrição: nos azeites de exportação o Estado pode requisitar 20 0/0.

O sr. dr. Torres Garcia, que já nomeou uma comissão para regular a importação de trigo ou farinha, tenciona decretar ámanhã a liberdade na importação de trigos exoticos. Hoje foi fechada uma compra de 7.000 toneladas de trigo, destinado á Manutenção Militar e Moagem.

* * *

Outra medida do sr. ministro da Agricultura: Acaba de ordenar o levantamento duma carta cadastral agricola de todo o país, tendo começado já pela região de Colares. Este trabalho está sendo dirigido pelo coronel Pereira Gonçalves.

A reunião da colonia francesa
na «Charcuteria»

(*Continuação da 5.ª pagina*)

artigo de ante-ontem não obedeceu a outro proposito senão este—fazer jornalismo.

A noticia da reunião da Colonia Francesa, na *Charcuterie*, andava já nas conversas da cidade e deturpada, a sabor de interesses e paixões...

A nós parece-nos que ele simplesmente se limitou a traduzir em termos claros, em linguagem desembaraçada e franca, o que outros guardam ou recalcam para os coloquios a meia voz.

Podemos afirmar que as frases textuais que se lêem no *Diario de Lisboa* não pertencem ao jornalista—escreveu-as sob ditado.

De resto, através das reservas prudentes da carta dos srs. Beauvalet e Colson, reflectindo-se bem no seu espirito e na sua discreção, chega-se a restabelecer a verdade, talqualmente a viu o jornalista.

Que significa a carta enviada ou a enviar ao sr. Presidente da Republica Francesa?

Denota ela unidade de vistas entre a Colonia Francesa e o seu ministro? Porque se obrigaram os presentes á reunião a guardar um segredo absoluto?

Não nos interessa a nós responder a estas preguntas, tanto mais que o assunto encerra uma grande delicadeza. Desejamos que a legação da França e os seus nacionais vivam sempre na melhor harmonia.

A TARDE PARLAMENTAR

Os nacionalistas
declararam
GUERRA
ao governo Rodrigues Gaspar

O sr. Alberto Vidal, presidente, quando eram quasi 4 horas tangeu a campainha como se estivesse a tocar á missa. O sr. Costa Amorim, disfarçado de dr. Baltazar Teixeira, investiu com o expediente, emquanto um continuo, empoleirado no ultimo degrau da escada, ia discutindo com três colegas que estavam no sopé.

A leitura da papelada faz-se confusamente; só se percebendo uma ou outra frase na tribuna da imprensa.

O sr. Costa Amorim vai lendo, entremeando com o «dize tu direi eu» dos outros continuos:

—Reclama a aprovação...

—Cale-se! Não tem nada que reclamar!

—Reclama a aprovação do projecto... emendas do Senado...

—Já lhe disse; vá chamar a policia, a ver se me ralo!

—Oh! senhor...

—Olhe: sabe que mais? Vá... lá...

—A' secretaria... Penacova... A enorme crise que se atravessa... Fabricas de papel... Vida cada vez mais cara.

* * *

Entrou o sr. Hermano Medeiros com uma rima de papeis debaixo do braço. Fez uma venia com o chapeu em ar de pedir esmola, e instalou-se. Veiu, logo após, o sr. Carvalho da Silva, precedido de um continuo com uma mala que parecia de bagagem. Instalou-se tambem.

E emquanto o sr. Uva se exibia na coxia com um braço de fim de romaria, (desancado) o sr. presidente foi dando a palavra aos ausentes:

—Tem a palavra o sr. deputado Jaime Cansado!

O sr. Cansado, de cansado que anda, não tinha vindo á sessão.

—Tem a palavra o sr. deputado Antonio Correia!

Estava «in partibus infidelium».

—Tem a palavra o sr. deputado Francisco Cruz!

O sr. deputado Francisco Cruz, que estava a secretariar, demitiu-se «colectivamente» do cargo—levantou-se com tudo, «ex abrupto»—e, uma vez no seu «fauteuil», proferiu um discurso dos raros de justiça e de clamor que a gente costuma ouvir.

—Como republicano, como português, e como parlamentar, protesto! Protesto, sr. presidente! Não estou resolvido a que se continue a ter em conta de palavras sem sentido os protestos que aqui fazemos! Hei de clamar até que me oiçam! Não me calarei! Sou um homem honesto!

Depois:

—Trata-se das estradas... para chegar a V. Ex.ª... quero dizer tudo... quero dizer a verdade... (um sôco na secretaria) quero dizer quanto sinto!

Batendo com os pés; os punhos a fugirem-lhe dos pulsos, no auge da indignação—uma indignação que se vê ser sincera, sentida, vibrante:

—Não consinto que se salte sobre os nossos direitos! E' um facciosismo criminoso! Não! Não! Pela minha parte, quero varrer a testada!

Outro murro na taboa, e mais este vibrante protesto:

—Dôa a quem doer: hei de dizer a verdade! Não vim aqui senão para isso! Não me quadram situações dubias!

O sr. João Camoezas, a mudar o assento de cadeira para cadeira:

—Oh! sr. presidente: isto é permanente? E' para fazer a atmosfera?

* * *

O sr. Alberto Vidal, em resposta, tocou outra vez a campainha, a chamar o orador á ordem. O orador foi falando sempre, e foi subindo sempre de tom, a pontos de parecer que estava rouco; a presidencia passou da campainha ao carrilhão; passou do carrilhão aos gestos. O sr. Francisco Cruz subiu de sol a fá; passou da violencia á furia; e dentro de segundos ninguem se entendia.

—Não póde ser!—A secretaria estremeceu.

—E' uma ilegalidade!—a secretaria rangeu.

—E' abjecto!—a secretaria bramiu.

—E' uma imoralidade!—A secretaria tremeu.

—E' a deshonra do regimen!—Confundiram-se os «puns!» da secretaria, com o alarme da campainha e com a balburdia das vozes; e... não se percebeu mais nada.

* * *

O sr. Baltazar Teixeira entrou, e fugiu do sr. Francisco Cruz, a entranquilhar as pernas, como um santo que oscila num andor de procissão. O sr. Queiroz Vaz Guedes entrou tambem, e, vendo que o ar era de trovoada, fugiu igualmente, agarrado á pera como a um liame de salvação. O sr. Antonio Maria da Silva cofiou a pera, por seu turno, a falar com os botões; o sr. Plinio Silva abriu um jornal, para fingir que estava sereno; o sr. Velhinho Correia falou, e o sr. Pedro Pita arrumou-lhe uma tremenda descompostura.

* * *

Houve duelo de palavras asperas; o sr. Velhinho Correia apelou para a amisade que o liga ao governo e ao seu chefe:

—Oh, sr. presidente do ministrio!... Oh, sr. ministro das Finanças...! Oh, sr. ministro da Guerra...! Eu sou amigo... Mas vejam lá para onde vamos... Isto não póde ser! Eu digo isto com o coração nas mãos... sr. presidente do ministerio...

A fechar, desanimado:

—Tenho dito. Ninguem se importa com isto! Deixá-lo!

Vozes varias, em côro desafinado:

—Ordem! Ordem!

Os animos exaltaram-se mais; houve uns momentos de gritaria; a desordem subiu ao auge; e... o sr. Pedro Pita declarou guerra ao governo:

—Sim?! Pois não passa mais nada!

Pediu um copo de capilé, e prepararam-se todos para o combate.

A disputa ficou nisto quando o jornalista veiu embora.

«Grand-Prix» de Turismo

Chamamos a atenção dos nossos leitores e em especial dos automobilistas, para a interessante lista das grandes corridas que vem publicada na nossa sexta-pagina, fechadas brilhantemente com o circuito do «Grand-Prix» de Turismo.

DE LUTO

D. Luis Maria do Vale e Sousa de Menezes Mexia

Mandada dizer pela viuva, a senhora D. Ana da Piedade da Camara do Vale e Sousa de Menezes, por seus filhos e genro, reza-se amanhã, pelas 11 horas, na paroquial igreja de S. Pedro, em Alcantara, uma missa do 7.º dia, sufragando a alma do sr. D. Luis Maria do Vale e Sousa de Menezes Mexia.

TAUROMAQUIA

Lavra o maior entusiasmo pela corrida de domingo proximo, na Figueira da Foz, em que se lidam touros do ganadero Bonacho (origem Palha Blanco), por D. Alexandre Mascarenhas, Rufino da Costa, seu filho de trese anos de idade e excelente cavaleiro e pelos nossos melhores peões. O entusiasmo entre a colonia espanhola é enorme e de Lisboa e arredores vão muitos aficionados presencear a bem organisada corrida.

O touro do sr. Palha Blanco, que ontem se matou no Campo Pequeno, foi adquirido pelos srs. dr. Emilio Infante da Camara e major Cifka Duarte, por mil pesetas e com a condição de ser abatido.

UM GRAVE DESASTRE

Dois
homens mortos
e um ferido
sob um comboio
em Campolide

Antes trabalhar na terra, ao sol, á torreira do sol...

E antes.

A Companhia dos Caminhos de Ferro traz a seu serviço varias brigadas de trabalhadores, que andam na via e nos desaterros. E' gente recrutada nas Beiras, homens que para ganhar a sua jorna melhor, trocam a vida dos campos pela faina das linhas dos caminhos de ferro. São agora mais de quinhentos. Alguns—não têm 18 anos. Outros, já ultrapassam a idade madura e fazem aquela vida quasi por castigo. A terra está quente e o sol tambem. E' bem duro o pão que se tem de comer, aqui, nos trabalhos da linha, para amealhar alguns tostões para as mulheres, que lá ficam, nos campos, a fazerem as suas vezes.

Esta tarde, aí pelas 13 horas, três homens desse nucleo de trabalhadores, conduziam da estação de Campolide para Sete Rios, onde andam em serviço de via e obras, uns madeiros. Como as crianças, estes homens têm de ser acompanhados por um capataz, não vá um comboio surgir e eles atrapalharem-se. Campolide tem um movimento constante de comboios de serviço, de manobras e de trafego ordinario. O campo é largo, mas os comboios e as maquinas em manobras, para quem não esteja habituado, tornam-no num campo perigoso para passar. Foi assim:

Três homens, depois do jantar do meio dia, deixavam as suas tendas e tomavam pela linha, com os madeiros que carregavam, o caminho do seu serviço.

Nisto, sóbe um comboio, o 6, que vinha do Rocio fazer a agulha. Eles, desacompanhados de guias, habituados ao inofensivo das linhas por esse Portugal fóra, onde passa um comboio de tarde e outro de manhã—atrapalharam-se, e para se livrarem do comboio, que recuava em boa velocidade, meteram-se na linha 4, onde uma maquina fazia manobras de mudança de agulhas.

Como nos disse o chefe da estação, estavam entre a espada e a parede. Talvez quizessem saltar para o aterro. Mas não souberam ou não puderam.

A maquina, em manobras, que ia de recuo, com pequena, pequenissima velocidade—apanhou-os, sem que o maquinista desse por coisa alguma.

Um deles, apanhado pelo rodado, ficou debaixo da locomotiva. Os outros dois debaixo dos rodados. O primeiro, ficou simplesmente ferido na cabeça. Os outros tiveram morte quasi instantanea.

São eles, o ferido, que foi logo conduzido num comboio especial ao Rocio e depois ao hospital, João Marta, de 56 anos, casado, natural de Vardelha, concelho da Covilhã, e os outros, da mesma aldeola, Joaquim Pais, de 18 anos, solteiro, que foi trucidado pela perna e ventre, tendo apenas vivido cinco minutos, e Manuel Geraldes, de 38 anos, casado, cuja cabeça foi separada do tronco.

A maquina, a 104, conduzida pelo maquinista João de Deus, parou logo, que bem devagar ia ela. Acercou-se todo o pessoal da estação. A scena foi comovente. Uma dezena de trabalhadores acorreu tambem, chorando a sorte triste dos seus companheiros. Mas o sucedido estava sucedido. Os mortos ficaram ali, sobre uns encerados, e ali os vimos, intestinos e massa encefalica derramando-se. O rapaz, de dezoito anos, tem no rosto intacto uma expressão de pasmo, aberto num sorriso inocente. O outro—não tem expressão. E' um destroço. A policia ficou de vela aos mortos, emquanto iam passando comboio felizes para o Rocio e para cima, para as Beiras.

Os trabalhadores continuaram a faina, com as picaretas e murmurando quando os interrogámos:

—Que desgraça!

E cavavam, picavam, perfuravam.

—Antes trabalhar lá na terra, ao sol, á torreira do sol.

E antes!